

FORMAÇÃO DOCENTE E TRANSFORMAÇÃO: ANALISANDO A FORMAÇÃO A PARTIR DA REALIDADE LOCAL

Autor: Saulo José Veloso de Andrade; Co-autora: Patrícia Cristina de Aragão Araújo Orientador:
Antônio Roberto Faustino da Costa

Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – Universidade Estadual da Paraíba,
saulojosesjva@gmail.com

Docente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores - Universidade Estadual da Paraíba,
cristina-aragao21@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores - Universidade Estadual da Paraíba,
robertofaustino@gmail.com

Resumo: Na educação escolarizada a discussão da temática étnico-racial, propicia o fortalecimento da cultura negra no campo educacional e contribui na revalorização de segmentos culturais não valorizados negros/as. A formação de professor na temática étnico-racial, possibilita o vislumbre sobre novos olhares em torno da questão racial brasileira. No espaço da escola quilombola, a formação de professor que venha ensinar está temática contribui para a afirmação cultural, identitária e política de alunos e alunas quilombola, propicia o entrelaço entre comunidade e escola, mas permite a valorização cultural e social do povo negro, a partir das ações desenvolvidas pelos docentes. Este artigo tem como objetivo, refletir sobre o relato de experiência de formação de professor para a temática étnico-racial, numa escola pública, na comunidade quilombola de Paratibe, João Pessoa-PB. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, partindo de uma experiência educativa com a temática racial, sendo consubstanciada pelas tessituras de autores como: Canclini (1989), Dadesky (1997) e Gomes (2003) dentre outros. Compreendemos que formar professores que vão atuar em escola de quilombo a partir da temática, põe em evidência as propostas da lei 10.639/2003 e de demais políticas educacionais que discutem a temática. A educação na perspectiva das relações étnico-raciais propicia uma ética para educar, e neste sentido, a formação docente aportada nestas discussões, visa colaborar com a escola, com a comunidade e com o saber-fazer docente e o alunado, pois ao ser inserida no espaço da escola, não apenas é relevante para a integração/interação social dos sujeitos aprendentes, mas possibilita, discutir e produzir saber a partir da sala de aula.

Palavras-chave: Formação de professor. Educação quilombola. Temática Racial.

INTRODUÇÃO

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (Rubem Alves)



Em suas palavras, cuja metáfora se reporta a escola, Rubem Alves dar o tom do sentido da escola e sua representação. Partindo das proposituras deste educador, iniciamos nossas reflexões acerca da educação, da escola, dos docentes, mais que isso, no contexto da formação que proporciona a este importante ator no cenário educacional, possibilidades de alçar voos estimulando seus alunos a construir um trajeto que lhes oportunizem um encontro com a cidadania e com os ideais que permeiam este importante sujeito social. Pois diante dos problemas que observamos na educação contemporânea, a formação de professores emerge como aspecto atenuante de muitos deles.

No entanto é preciso estreitar as possibilidades desse processo de formação e dialogar com a realidade da escola, a partir do professor, da maneira como este sujeito social convive cotidianamente com as experiências educativas e os desafios frente a estas experiências no cenário educacional.

No contexto contemporâneo é bastante pertinente dialogar acerca da formação continuada de professores, pois, trata-se de um importante artefato de transformação das ações cunhadas no âmbito da escola. Trazer a baila discussões sobre formação de professor e como esta dialoga com a realidade da escola é uma necessidade para o processo de melhoria da qualidade da educação ofertada. Diante da importância desvelada a este movimento a mesma tem sido impressa em diferentes documentos, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, o Plano Nacional de Educação – PNE entre outros.

Essa importância dar-se em virtude das transformações pelas quais a sociedade vem sofrendo atualmente. Desse modo, a formação inicial ofertada pelas Instituições de Ensino Superior – IES, não conseguem nem poderiam acompanhar esses avanços e conseqüentemente tendem a necessitar da implementação de ações no sentido de complementar o processo de formação, o qual hoje é denominada de formação continuada.

Um dos grandes desafios do Estado hoje é aglutinar esforços na perspectiva de promover de forma individual ou mesmo através de parcerias, formação em serviço para os seus docentes alinhada aos imperativos locais, de modo a valorizar os elementos que constitui a própria comunidade.

Diante desse importante cenário, no qual situamos a formação continuada de professores, justificamos a necessidade de empreender esforços no sentido de compreender as formações assentadas na realidade local. Nessa vertente, destacamos o projeto de extensão “*Saberes e fazeres afro-brasileiros e indígenas na sala de aula*” nosso corpus de análise, proposta da Universidade

Estadual da Paraíba – UEPB do campus III, cuja finalidade é promover formação continuada de professores na perspectiva da Educação Quilombola, para os docentes da E.M.E.I.E.F. Prof^a. Antônia do Socorro Silva Machado em Paratibe, João Pessoa – PB. Trata-se de um processo de formação, vivenciada pelos sujeitos no próprio espaço de atuação.

Desta forma, buscamos nesse trabalho analisar as tessituras da formação continuada de professores desvelada na escola supracitada e suas interfaces, para consolidação de uma educação baseada nas diretrizes quilombola, aspecto predominante na comunidade local, onde está situada a escola.

Do ponto de vista metodológico, nosso trabalho é delineado a partir de um estudo bibliográfico e documental, tendo como corpus de análise a formação continuada de professores voltada para os sujeitos que atuam na E.M.E.I.E.F. Prof^a. Antônia do Socorro Silva Machado em Paratibe, João Pessoa – PB.

Tal escolha deu-se por nossa própria atuação, além de considerar a importância de compreender as interfaces da educação quilombola até então desconhecida para nós. Diante deste movimento buscamos focar nossos olhares em aspectos do campo legal para compreender os diferentes elementos que permeiam a realização da formação continuada que tornou-se nosso objeto de estudo aqui sintetizado.

O presente trabalho, materializa-se a partir de uma análise do projeto de extensão “*Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na sala de aula*” que alinhado aos diferentes documentos legais que abordam a educação quilombola no Brasil, constitui-se no nosso campo de investigação.

Trata-se de um processo de investigação e análise bibliográfica e documental, que buscou situar a importância de uma formação que diferente de tantas outras por considerar as interfaces locais, como aspecto para seu próprio debate. Ou seja, é uma formação singular, pois consolida-se a partir da realidade da própria escola. A escola supracitada é a única voltada para a educação quilombola, por situar-se no espaço geográfico pertencente ao Quilombo de Paratibe em João Pessoa-PB, característica que a torna singular na educação ofertada.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A AFROBRASILIDADE: ELEMENTOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

No ano de 2003, a revalorização da cultura afro-brasileira foi acentuada a partir da lei 10.639, que determinou como obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-



brasileira nos estabelecimentos de ensino da educação básica, isso repercutiu na formação docente, pois, a implementação desta política educacional, requer um professor qualificado para a discussão de tal debate na escola. Tal prática só veio vivificar a importância de discutir sobre a cultura afro-brasileira na escola, evidenciando de formar docentes para o trato desta temática.

O povo negro, através da tradição oral, subscreveu traços significativos da escrita da história de sua própria cultura, criando, nos lugares onde atuou meios de reconstituir suas vivências, experiências e práticas cotidianas e forjando, de maneira singular, formas de resistência de seu saber-fazer (DADESKY, 1997).

Estas foram movidas através de expressões culturais e rituais religiosos alicerçados na fé e na tradição oral a partir de espaços que se tornaram significantes para constituição da identidade étnica e cultural deste povo, face à diversidade cultural e do conflito/confronto que se configurou na sociedade brasileira marcada por culturas híbridas (CANCLINI, 1989).

Verificou-se que da África ao Brasil, africanos e afrodescendentes reconfiguraram seus modos de ver e perceber o mundo, através de sua produção religiosa e de suas expressões culturais, em cada região brasileira. Formou-se, assim, um complexo acervo de saberes que fazem parte da cultura negra, que, visto pela perspectiva educacional, tornou-se rico e educativo, importante de ser inserido no contexto escolar, a partir da ação docente.

Tal propositura, possibilita que professores ao terem acesso ao conhecimento produzido pelo povo negro na escola, implementando em suas aulas tal discussão, viabilizar colocar em prática o que requisita a lei 10.639/2003, quando suscita que na contextura da sala de aula, o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira seja trabalhado pelos professores, entre alunos e alunas.

A formação docente é um aspecto sinalizador de mudanças para que se empreendam práticas sociais cuja a trajetória experiencial do povo negro na escola, através da luta e resistência, seja vislumbrada entre os discentes (ABRAMOVICZ, 2006). O professor como mediador de saberes, ao debater através de ações educativas voltadas para o diálogo com a cultura afro-brasileira, está em sua formação continuada empreendendo uma dinâmica educativa inclusiva de conhecimentos e cultura negada socialmente e que no campo educacional precisa ser ressignificada. Daí, a importância de uma formação docente que enseje estes aspectos.

Ao desenvolver ações para a formação de professores para a educação das relações étnico-raciais, na perspectiva da cultura afro-brasileira, abre-se leques de possibilidades para que os saberes, os ritos, os símbolos, as festas, crenças, espaços de sociabilidade, e demais manifestações

culturais afro-brasileira, encontre na escola, um espaço favorável e de abertura para discussão, que lhe dão significância.

Considerando-se todo o cenário delineado para a formação de professor em relação à temática étnico-racial queremos mostrar não só que a cultura do povo negro constitui-se em um patrimônio, dado o conjunto de bens culturais, mas também que estes povos, através de suas práticas culturais e sociais, estão educando, o que exige focalizar a formação docente como necessária para que o conhecimento desta cultura seja consubstanciado em sala de aula.

Nesse sentido, não podemos esquecer que a cultura afro-brasileira ocupa um papel significativo na construção cultural e social do nosso povo, bem como nas referências históricas representação na contextura de diversos setores nosso país (GOMES, 2003).

A cultura negra, que secularmente formou, com outros segmentos étnicos, a base do nosso repertório cultural e que herdou de nossos ancestrais africanos toda uma riqueza que identifica um grupo étnico e a formação de sua identidade, a partir de suas expressões e valores, foi, durante muito tempo, negada no contexto da escola, por não haver um reconhecimento de seu significativo papel e por não existir a promoção de ações que notabilizassem sua dinâmica e dimensão educacional.

Em relação à cultura afro-brasileira, o que se verificou, além da ausência de sua história no processo de ensino-aprendizagem, foram atos de preconceitos sustentados por atitudes discriminatórias e racistas e que, no entanto, não apagaram a sua potencialidade e existência no decurso de sua trajetória.

No decorrer de sua existência, o povo negro criou, em diferentes espaços da sociedade brasileira, táticas de coexistência através de sua luta e empreendeu ações de resistência, vivificando, através de gerações, suas práticas culturais e procurando, ao longo de sua história, o seu reconhecimento e sua significância tanto no contexto da história social e cultural como da educação brasileira (CAVALLEIRO, 2001).

Reconhecer este grupo étnico e seus valores, como herança que expressa a influência da cultura africana, é notificar que o povo negro transmite ensinamentos e que os saberes que o constitui são instrumentos da cidadania e identidade cultural de afro-brasileiros/as.

Além disso, tais saberes podem colaborar no mundo do educar, no sentido de uma educação pela cultura, uma vez que a escola é lugar privilegiado de vivências e possibilita, no seu contexto, a desconstrução de ideias equivocadas e dos atos de preconceitos e atitudes racistas em relação à cultura negra.

Tendo em vista tal atitude, torna-se mister discutir, a partir da escola, sobre os bens culturais construídos pelo povo negro, pois, ao se refletir sobre a dimensionalidade da cultura afro-brasileira na escola e o potencial que ela alude, será possível pensar as possibilidades de aprendizado a partir de discussões, em sala de aula, em torno das produções culturais deste povo de forma que os/as alunos/as negros/as e não negros/as possam entender a dimensão de sua importância e obter, assim, uma aprendizagem significativa das ações culturais norteadas por este segmento étnico no âmbito da sociedade, o que pode ser feito a partir do conteúdo discutido em disciplinas tais como história e literatura, em conformidade com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes curriculares para educação das relações étnico-raciais (2013).

Deste modo, formar docentes na temática afro-brasileira aportada, enriquece não apenas o campo da pesquisa em sala de aula, mas renova as interpretações e novas estratégias no contexto do processo de ensino-aprendizagem acerca do povo negro paraibano e sua representação cultural, tendo em vista as suas práticas culturais tecidas no cotidiano.

Diante do exposto, a experiência de formação de professores do Quilombo de Paratibe, aponta para uma multiplicidade de aspectos que se tornam importante desvelar: esta formação propiciou a participação coletiva do professorado, o que aponta o quanto os docentes da escola onde a ação formativa foi feita, estão empenhados dentro dos propósitos da lei 10.639/2003, através de atitudes pedagógicas que se encaminham dentro do que chama atenção as diretrizes curriculares quilombola, que é mister a formação do professor que atua no quilombo ter formação com a temática; com o que propõe o PNE – Plano Nacional de Educação (2014-2024), para formação docente na meta 15 do documento supracitado.

“SABERES E FAZERES AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS NA SALA DE AULA¹”: DISCUTINDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DA REALIDADE DA LOCAL

Ao analisar os problemas da educação brasileira, muitas vezes nos deparamos com algumas inquietações acerca do movimento de formação de professores, principalmente pelo vácuo que muitas instituições deixam entre a teoria e a prática, entre o que se aprende e o que se ensina, e essas disparidades têm inquietado pesquisadores e estudiosos a se debruçarem sobre essa importante

¹ Título da formação vislumbrada na escola, corpus de análise neste trabalho.



temática no campo educacional. Sobre essa dicotomia desvelada a partir da formação continuada Gatti, Barreto e André (2011, p. 198) apontam;

[...] que, de modo geral, ainda prevalece uma concepção de formação transmissiva, que se desenvolve sob a forma de palestras, seminários, oficinas, cursos rápidos ou longos. Porém, já se percebe movimento, em várias secretarias, para incluir mais os docentes nas discussões sobre as formações e a sua realização, buscando contemplar as questões diretas da escola e da sala de aula, tendo em vista melhorar o desempenho dos alunos.

Emprende-se nas tessituras acima a necessidade de estreitamento do diálogo entre a realidade vivenciada pela escola e a proposta de formação ofertada aos docentes, valorizando os saberes locais, elemento fundante para as transformações pelas quais a escola necessita. Desta feita, seguindo essa tendência a Escola Municipal Antônia do Socorro na comunidade Quilombola de Paratibe em João Pessoa-PB, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, institui a formação: “Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na Sala de Aula” cujo foco de debate são as reflexões que circundam as questões referentes a educação étnico-racial.

Trata-se de um artefato singular, visto que, as formações gestadas no âmbito da municipalidade agregam aspectos universais em detrimento dos locais. Deste modo, pensar a escola a partir dela própria, emerge como uma ação transformadora. A ação em particular construída na escola supracitada coaduna como um elemento fundante para a consolidação da educação quilombola, dando sentido a proposta pedagógica vigente na referida escola. Essa perspectiva esta impressa no objetivo geral da formação em questão quando destaca o seguinte;

Possibilitar aos (as) professores (as), gestores (as) e corpo técnico-administrativo com atuação na EMEF Antônia S. S Machado, instituição da educação básicavivenciar, valorizar e respeitar as práticas culturais das pessoas negras e indígenas, de modo a efetivar nessa escola a educação quilombola e para a igualdade racial, enfrentar e combater o preconceito racial em conformidade com as leis 10.639/03 e 11.645/008, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena, bem como com o Plano Nacional de Implementação de tais diretrizes.

Tal propositura constitui-se de um amplo diálogo entre os diferentes documentos que aborda a temática em voga, favorecendo a uma aprendizagem significativa por parte dos sujeitos participantes deste movimento.

As ações desenvolvidas a partir do(s) objetivo(s) da formação em questão foram desveladas em diferentes movimentos: através de encontros periódicos modulares cuja abordagem foca em



aspectos que fazem parte da temática elegida, dando ênfase aos aspectos teóricos e conceituais. Seguidos de oficinas temáticas estreitando assim o diálogo com a realidade da escola, além de aulas de campo, nas quais busca-se intercambiar as vivências entre a escola e outros espaços de interesse comum.

Dialogando com essa realidade Solarevicz (s/a, p.04) diz que;

A contemporaneidade exige mudanças, adaptações, atualizações e aperfeiçoamento. Quem não se atualiza fica para trás. A globalização, a informática, toda a tecnologia moderna é um desafio para quem se formou há mais de uma década. Num momento em que se retoma o curso de formação de professores, faz-se necessário oferecer aos professores as condições mínimas para que desempenhem sua função. Isto implica em muito preparo, conhecimento e disponibilidade do educador para adaptar-se às novas situações vividas na sala de aula.

Reforça nas tessituras cunhadas pelo autor a proatividade dos sujeitos em aprender e desta forma, incutir uma nova perspectiva de transformação da realidade da escola. Trata-se de uma construção dialógica, que condense importantes aspectos da realidade local, elemento presente na proposta de formação que observamos. Esse movimento dialoga com as impressões contidas na proposta da formação continuada corpus de nossas reflexões, quando destaca sua importância reforçando que;

Esse exercício incide na inserção da questão de gênero e etnia no currículo escolar, o que na prática representa a implementação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo das escolas da educação básica, o que se constitui numa oportunidade dos (as) professores (as) romperem com a compreensão de história e cultura eurocêntrica, ao mesmo tempo impõe-lhes a obrigação de trazer aos palcos da história, os povos indígenas, a África, os (as) africanos (as), os (as) afro-brasileiros (as), suas diferentes expressões culturais, modalidades de resistência e condições de vida em diferentes tempos e espaços. Tais conteúdos são relevantes, uma vez que possibilitarão aos (as) professores (as) romperem o silêncio acerca da história dos povos indígenas, história da África e dos (as) negros (as) no Brasil e aos estudantes negros e não negros subsídios indispensáveis a construir outras imagens de si e do outro. A proposta do estudo da História e Cultura afro-brasileira, africana e indígena, apesar do caráter obrigatório, ainda não é uma realidade a todos os municípios brasileiros, visto que poucas redes de ensino público efetivaram-na.

Deste modo, não se trata de um novo movimento, mas, todavia, reavivar no âmbito da escola um debate muitas vezes adormecido em face do desconhecimento que muitos docentes têm das temáticas relacionadas com as questões ligadas a cultura afro e suas interfaces. Empreende-se

nas colocações descritas a materialização não só das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, mas, dos artefatos que dialogam com a realidade dos sujeitos atendidos. Na guisa deste importante momento, estão o encontro do sujeito com sua própria vivência abordado de forma sistemática em sala de aula. É um momento onde impera as singularidades, pois é pensar, refletir, dialogar, gestar, executar e avaliar um processo que nasce e vive nesse espaço de interação social, que denominamos escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a instrução de professores á guisa do movimento da formação continuada é na verdade pensar a própria escola, deste modo ao finalizar essa reflexão, trazemos alguns aspectos que consideramos de suma importância dentro dessa vertente.

Ao analisar a proposta da formação continuada: “saberes e fazeres afro-brasileiros e indígenas na sala de aula” destacamos o grande avanço que a escola galgou, visto que, é um processo que pensa a escola a partir de suas próprias inquietações, dando a mesma a oportunidade de complementariedade.

É um movimento que busca a efetivação das leis que abordam a questão relacionada à cultura africana e suas interfaces. Pois trata-se de uma escola que atende uma grande demanda de discentes que se afirmam “quilombolas” reafirmando a identidade com a comunidade que luta pelas questões de cunho social que envolvem estes povos remanescentes, nesse sentido, a escola avança na tentativa de estreitar um melhor diálogo com a comunidade do entorno, além de possibilitar a tantos outros sujeitos que pertencem a este espaço geográfico, mas que, não afirmam sua identidade.

Oportunizar esse debate consistente, movido pelo conhecimento e propriedade do que se fala é uma necessidade. Nessa perspectiva tal processo oportuniza ao docente essa mudança, além de favorecer a um entendimento amplo sobre as questões sociais, culturais, econômicas e políticas que muitas vezes refutam a luta, o direito, a identidade, reforçando apenas a segregação e o preconceito, elemento bastante presente nos discursos dos sujeitos no âmbito da sociedade e que são reproduzidos na própria escola.

A proposta tem uma forte ligação com o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola que foi revisado este ano (2016) cuja tônica foi o fortalecimento das ações de formação para atuação junto a este público.

Deste modo, trata-se de um processo adensado por leis, decretos, documentos, que em suma já justificava sua existência e importância, mas que no entanto, não é esta sua principal característica, e sim o diálogo com sua própria realidade, situando a escola numa perspectiva transformadora.

A parceria entre a escola e a UEPB coaduna como uma ação na busca por uma escola emancipadora, dialógica, que valoriza seu povo, seus conhecimentos, dando vida a elementos que adormecem por falta de oportunidade e que são tão ricos quanto às teorias que são suscitadas em muitos movimentos de formação docente.

Diante deste cenário, compreendemos que não se trata de uma formação qualquer, mas de um movimento singular, visto pelo ângulo da própria concepção no qual se imbuíu. Tal ação contribui de forma significativa quando gesta um diálogo entre as teorias que abordam a temática elegida e necessária e a prática docente desvelada em sala junto aos sujeitos. Desta feita, percebemos a circularidade desse processo, não sendo assim a formação continuada como um estanque, uma ação pontual como acontece no contexto atual.

Embora tratar-se de uma ação situada em um contexto micro, não estaremos aqui esgotando o debate acerca da mesma, até porque, podemos dialogar em face da formação em questão, por diferentes vieses dada a dinamicidade da temática e das tessituras presentes nos documentos analisados, ampliando assim o debate aqui empreendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICZ, A. et al. Educação como prática da diferença Campinas/SP: Armazém do Ipê/ Editores Associados, 2006.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20/12/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do Senado, ano CXXXIV, nl. 248, 23/12/96, pp. 27833-27841.

_____. Presidência da República. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003.

_____. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em: 15 Jul. 2016



_____. Plano Nacional de Educação. 2014. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Disponível em < <http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf> > Acesso em: 1º Abr. 2016.

_____. Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília:MEC/SECADI, 2013.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. SP:Paz e Terra, 1989.

CAVALLEIRO, E. Educação anti-racista compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org). Racismo e anti-racismo na educação; repensando a nossa escola. SP:Selo Negro, 2001.

D´ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo. In: Revista Afro-Ásia, p. 19-20, Salvador, UFBA, 1997.

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba de Sá; ANDRÉ, Marli E. D. A. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011.

GOMES, Nilma L. Cultura negra e educação. In: Revista Brasileira de Educação. Maio/jun/jul/agost/ SP, 2003.

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal Professora Antônia do Socorro S. Machado. João Pessoa; 2016.

SOLAREVICZ, Maíra Maria Prohmann de Lima. A importância da formação continuada no caso do magistério paranaense. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2337-6.pdf> > Acesso em: 21 Jun. 2016.

UEPB. Saberes e fazeres afro-brasileiros e indígenas na sala de aula. Guarabira; 2016.

